

A Prevenção no Brasil: Século XXI

A população brasileira não tem uma cultura prevencionista. Nossa cultura de sempre dar um jeitinho nos torna um povo criativo, mas o resultado disso é não pensarmos antecipadamente nos problemas.

- Ah, na hora a gente vê como se resolve! - Esta é a frase mais comum.

- Eu tenho um amigo que resolve tal problema!

Perceberam que existe sempre alguém que tem um amigo, ou amigo do amigo que "resolverá" o seu problema, e sempre da maneira mais fácil?

Por conta disso, vemos diariamente pessoas fumando em postos de abastecimento, no interior de shoppings centers, pessoas andando com cachorros sem focinheira ou enforcador, pessoas que não passam protetor solar. É a política do "carpe diem".

Lembro até hoje de uma história de um grande amigo, especialista em sistemas de alarme e detecção, e que remonta bem o que estou tentando enfocar.

Num belo dia, ele recebe uma reclamação de um cliente sediado em um estado do norte do Brasil que reclamava que a sua central de alarme e detecção havia parado de funcionar após dar vários alarmes. Tal afirmativa havia sido colhida, na noite anterior, por sua equipe de segurança patrimonial, recentemente contratada.

Este meu amigo solicitou a retirada do produto para avaliação. A coisa mais absurda foi encontrada quando o equipamento foi desmontado. Havia um furo que atravessava todo o equipamento, desde o painel frontal, passando pelos componentes e circuitos eletrônicos, até a parte anterior. Tentando esclarecer o ocorrido, conversou com os seguranças. Inocentemente, o segurança do período noturno explicou o que ocorrera. A reclamação de um dos seguranças foi a explicação. Olímpicamente, ele afirmou que uma caixa preta na parede não parava de apitar um som que incomodava muito, e ele, o segurança, não sabendo o que fazer para desligar aquele insistente aviso, pegou o seu revólver 38 e efetuou um disparo certeiro no coração do infeliz equipamento.

Explicação: O sistema de detecção proposto estava alarmando uma falha em um dos componentes, uma vez que o equipamento foi programado para avisar continuamente até que um responsável operasse e desarmasse a função daquele detector avariado. Como o proprietário, mesmo sendo informado a respeito dos programas de treinamento, não se interessou em treinar os funcionários, pois estava bem mais interessado no documento do Corpo de Bombeiros que liberaria a sua fábrica para funcionar, este perdeu sua central de R\$ 15 mil entre o custo da central, instalação e agora sim o treinamento.

Outro problema está relacionado a pouca cultura de se exigir produtos normatizados com relação aos quesitos qualidade e desempenho. O que interessa para muitas construtoras e clientes é o custo final. Há alguns anos, apresentei meus custos para instalação de chuveiros automáticos em um grande hipermercado. Na negociação, não conseguia entender o porquê do cliente não estar interessado, em nenhum momento, nas garantias da instalação, tipo e características dos bicos de chuveiros automáticos, características da bomba de incêndio, tipo de fiação que seria utilizado, tipo de tubo a ser instalado, estratégia do gerenciamento da instalação, prazos de garantia. A única coisa que importava na mesa de negociação era: em qual menor custo de instalação por bico de chuveiros automáticos eu poderia chegar. E o valor ele já havia determinado: no mínimo, 40% abaixo do meu menor valor. Eu me senti um vendedor de batatas.

Esta tem sido a tônica quando tratamos de sistemas de segurança. Quem contrata não tem a menor idéia do produto que está adquirindo. Portanto, fica permeável aos equipamentos que hoje assolam o mercado. Quando se fala em sistema de iluminação de emergência, a solução é simples. Vamos comprar aquelas luminárias autônomas, contrabandeadas ou pirateadas, tipo "luminárias Tabajaras". Já existem relatos de acidentes e princípios de incêndio com esses produtos posicionados no interior de

escadas de segurança. É assustador pensar que a escada de segurança – que deve ser o reduto mais protegido em uma edificação – possa estar povoada por essas “bombas-relógio incendiárias”.

Em se tratando de segurança contra incêndio, temos que ser diretos. Muitos já falaram da evolução das legislações ocorridas nas duas últimas décadas. Mas o Brasil necessita de uma mudança muito mais profunda que a de somente a inserção de textos de normas em uma legislação robusta, como as atualmente em vigor.

Para que o mercado da segurança contra incêndio não seja freqüentado por tantos aventureiros e passe a ser “habitado” por estudiosos dedicados e futuramente renomados internacionalmente, é primordial a existência de uma Resseguradora Internacional no País, que administraria todos os eventos, repassando alguns riscos para outras menores, mas sob a sua supervisão, como acontece no mundo todo. No Brasil, o que ocorre é a manipulação por meio da máquina pública, notadamente, pelo IRB – Instituto de Resseguros do Brasil, o qual divide seus prejuízos com toda a população brasileira quando ocorre um evento catastrófico, haja vista que ainda não lança bases sólidas no setor e que não se preocupa em ditar com qualidade os critérios da segurança contra incêndio. Com tal panorama, torna-se urgente a presença de uma Resseguradora Privada, pois necessitamos de critérios que sejam internacionalmente aceitos.

Somente com esse passo, alguns efeitos já se fariam desencadear. Primeiramente, haveria um maior rigor na padronização das exigências nacionais, pois é muito comum sair de um município, atravessar uma ponte ou até uma avenida, e as exigências não serem as mesmas. Na cidade de São Paulo, os empreendedores utilizam sistemas de pressurização de escadas de segurança, enquanto muitos municípios, a não mais de 50 quilômetros de distância, não sabem nem do que se trata tal medida.

Um segundo aspecto é o fato de que teríamos um regulamento nacional, como em qualquer outro país, sendo que somente algumas e particularíssimas características seriam estabelecidas pela comunidade local. Com isso, seria possível viajar para diversos locais no Brasil e se hospedar em hotéis com os mesmos critérios de seguran-

ça, sendo que você também saberia como proceder em uma situação de emergência – quer seja em São Paulo ou no Amazonas.

Obrigatoriamente, a consequência seria a criação de um contingente de profissionais projetistas especializados, além de empresas instaladoras capacitadas e com produtos finais adequados à importância da vida humana. Digo isso porque, mesmo depois de mais de 15 anos militando na área de segurança contra incêndio, tenho que convencer muitos profissionais de coisas que já deveriam ser passado, tal como, não instalar sistemas de iluminação de emergência com alimentação de nove baterias de 12 Volts (que é proibido por norma, pois a corrente contínua produzida pela bateria, e que o corpo humano suporta, é em torno de 24 Volts), sendo que tal montagem do sistema resulta em 108 Volts de corrente contínua.

Com profissionais e empresas capacitadas e credenciadas, os órgãos públicos poderiam se concentrar mais em realizar auditorias, em avaliar edificações mais complexas e em assuntos como controle da movimentação da fumaça e outra dezena de situações que demanda aprofundamento. Os síndicos e funcionários do condomínio seriam mais um elo dessa corrente de fiscalização.

Assim, infelizmente, vê-se que o avanço necessário ainda não ocorreu, ao contrário do panorama de outros países desenvolvidos. Até que ocorram substanciais modificações no sistema de prevenção contra incêndio, ainda corremos grande risco de que toda a trama de segurança esteja sendo sustentada por alguém que, por exemplo, coloque uma escultura em frente a um hidrante, a fim de esconder a cor vermelha do equipamento de segurança, simplesmente para melhor decorar o ambiente; ou use a mangueira de incêndio para regar o jardim; ou até mesmo que um funcionário dê um tiro certeiro para fazer “calar” o som de uma insistente caixa preta na parede. ●

Carlos Cotta Rodrigues é presidente da Associação Brasileira de Especialistas em Segurança contra Incêndios (ABRAESI), pós-graduado em Meio Ambiente pela USP, especialista em Segurança contra Incêndio, tendo atuado por 11 anos no Corpo de Bombeiros de São Paulo. cottanet@uol.com.br